

COLEÇÃO: DO POVO Nº 1

VÍDEO MC MARTINS

"UMA SEARA DE TRIGO QUE SEJA PARA TODOS"



PREÇO : 1 Fr.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

2000

Por ali ficava, horas mortas da sésta, enquanto a seara amadurecia, nos campos a perder de vista. Manuel da Bica não olhava já os campos, mas a seara; e a seara regada com o seu suor e o dos seus companheiros, a seara que ele haveria de colher, e que depois passaria não se sabe porque portas travessas, das suas mãos a outras mãos, sem que ele pudesse comer um só bocado.

-Que se lixem os campos, -dizia -mas que ao menos uma parte do que eu semeiei fosse para mim.

Em casa a mãe atormentava-se:

- Olha, Manuel, mas não podes dizer isso ao capitaz, ele vai meter tudo no rabo ao Sr Martins, e ele pôe-te na rua.

-Oh mãe,deixe-me! Um dia vou-me embora.Se há tantos que se arranjam eu também me hei-de arranjar.

- Oh filho, e eu?...

E por ali ficavam.Era verdade:E a mãe? Havia ele de a deixar sozinha, para mais numa casa que nem era sua,depois de o pai os ter deixado aos dois, ele ainda de mama, lá com a cegueira nos brasís e na fortuna que nunca se viu? Havia de deixar a mãe ao Deus dará, ali no meio daqueles raios que só sabiam sugar o fruto do seu trabalho? Não,não podia, ou pelo menos havia de ser difícil.

Mas cada vez que se sentava no morro e olhava os campos, vinham-lhe sempre as mesmas idéias: ia-se embora, mal fora que não arranjasse um dinheirito para mandar à mãe.

- O João falou-me em ir para Lisboa, para uma fábrica ou mesmo na doca nos primeiros tempos.

- Lá vens tu com a mesma história; então e não te lembras ao menos da Elisa?...

Calava-se; dantes ainda era só a mãe, mas agora era também a Elisa; era verdade, gostava da rapariga; sentia-se bem ao pé dela, mesmo quando nao dizia nada.

- E se isto fosse nosso, da gente toda, dos que trabalham nesta terra?

- Podíamos casar, - dizia-lhe a Elisa.

Mas não era; deles nem os frutos, nem a água, nem as flores; nada era deles, nada.

- Um dia vou-me embora.

- E depois nunca mais te lembras de mim...

-Em Lisboa, numa fábrica...Quem sabe, noutra lugar mais longe...Ganhava dinheiro,podíamos ter uma casita nossa, podíamos casar, ter filhos que não sofressem como a gente sofre, quem sabe...

A CARTA

Andavam então na ceifa quando ele avistou ao longe a mãe que corria; um papel na mão; parecia uma carta. Era uma carta.

- Terias tu escrito já para Lisboa, meu malandro?

- Não mãe, e a carta não vem de Lisboa, vem da vila. Abriu-a; "Ministério do Exército"; deu-lhe um salto o coração.

- Para me apresentar no dia 22 no quartel.

Os companheiros levaram para a brincadeira ao verem a cara dele e as lágrimas nos olhos da mãe.

- Com que então recruta...

- Deixem-me em paz.

A paz de quem nunca a teve; de quem se levanta antes de nascer o sol para trabalhar;até ao sol posto. A paz de quem nunca tinha ouvido falar na guerra além das de Afonso Henriques contra os Mouros;e de Angola vagamente. Pedia ele paz doendo-lhe no corpo a batalha diária contra a fome. "E a mãe ?.. E a Elisa ?..!"

E elas ficaram sós, sem mesmo uma carta, que o dinheiro de um recruta não é nada, nem se compra papel, nem envelopes, nem selos.

O QUARTEL

No quartel choviam ordens de todo o lado: "Em sentido, marcar passo, engraxar as botas ao sargento, varrer a messe dos oficiais, op dois, squerdreito!"

-O raio que os parta a todos,-estava farto, farto. De vez em quando lá conseguia ir a casa visitar a mãe e a Elisa, perder a vista pelos campos que não eram seus, pelos frutos do que ele ainda tinha semeado e que eram seus: "Saiu-me do corpo, gaita."

Mas os frutos iam sempre para o celeiro do Sr Martins, e o Sr Martins continuava gordo, e a filha do Sr Martins continuava a ir de férias à aldeia, esgaseando os olhos dos pobres com os seus vestidos e casacos; e o Quinzinho, o filho do Sr Martins, que tinha andado com ele na escola, passeava-se de carro e mal lhe dizia adeus.

"Arranjou um adiamento lá na tropa por causa dos estudos", diziam uns; "era fraquinho e tinha o pé chato, livraram-no logo na inspecção", diziam outros.

-O diabo que os leve - dizia ele - compraram a tropa, foi o que foi, que o dinheiro compra todos os canalhas como eles.

Em casa a mãe desfeita em lágrimas e a Elisa a aní má-la.

Acabado o fim-de-semana, isto é, a manhã de Domingo, lá se punha ele à boleia, difícil de arranjar, que os que têm carro, têm-no mas é para eles.

Lá ia para serem sempre de novo as mesmas ordens, as mesmas batatas, os mesmos feijões com gorgulho, o mesmo arroz que parecia cimento; e as ordens, era o que mais o revoltava; as ordens de todos, do maior ao mais pequeno, do furriel ao major, as ordens daqueles que armavam em donos do mundo, e que parecia quererem engulir tudo e todos.

Falava com os colegas, com os outros recrutas, dizia o que pensava, e descobriu que muitos pensavam como ele.

E os outros encolhiam os ombros.

O ACIDENTE

Um dia o 2.023 teve um acidente; estavam eles em manobras no lago cheio de lodo, quando se ouviu um grito. Um homem pedia socorro, e alguns soldados pre

param-se para lho prestarem, quando o sargento berrou: "Deixem-no, a tropa manda desenrascar!" Mas eles não deixaram, foram mesmo buscar o com panheiro e trouxeram-no já meio afogado para a margem. Já ninguém ligava ao sargento, apesar de ele continuar a dar ordens.

- "Meto-os a todos na prisão!"- berrava ele. Ninguém respondeu. Finalmente o 2.023 começou a dar sinais de vida; levaram-no para o quartel, num jeep. O sargento berrava que os metia na prisão, que era uma falta de respeito à ordem e à disciplina militar. Alguns soldados mostravam-se mais exaltados, mas logo seguiram os companheiros. Houve mesmo um que gritou para o sargento: -"Ou tu te calas ou afogamos-te a ti." Todos riram.

A GREVE

No quartel uma patrulha de PM esperava-os, já com o sargento. Chamaram-o 2.246, o soldado que tinha dito ao sargento que o afogava se ele não se calas se. Fez-se silêncio ao meio daqueles homens. Nuns havia medo, noutros revolta; mas havia qualquer coisa que subia por eles, que os levava não se sabe para onde que lhes provocava pensamentos estranhos. Nesse dia ninguém comeu.

- Meto-vos na prisão, corto-vos as saídas, - berravam os sargentos e capitães. Mas cada soldado sabia que eles não podiam meter uma companhia inteira na prisão, nem cortar as saídas todas. Foi então que o Manuel da Bica a tremer de nervos e de raiva da cabeça aos pés, disse, tentando dar serenidade à voz: - NÃO COMEMOS ENQUANTO O 2.246 NÃO COMER COM A GENTE!

A voz saiu-lhe num soluço meio rouco, mas num segundo todos estavam a gritar:

"NÃO COMEMOS ENQUANTO O 2.246 NÃO COMER COM A GENTE!

Apareceram então oficiais, sargentos, cabos, furriéis toda aquela tropa fandanga, incapaz de dominar aquele punhado de homens revoltados e decididos. Todos se interrogavam com os olhos; estavam ali a gritar havia quase dez minutos, mas finalmente o 2.246 apareceu.

Todos o abraçaram. Os sargentos e oficiais tinham saído, e só então eles comeram. Nesse dia nem sequer notaram que a comida não prestava.

A CONVERSA

O 2.246 chamou o Manuel da Bica à parte:

- Queria agradecer-te.

- A mim?...É a todos que tens de agradecer, foi porque a nossa união lhes meteu medo que eles te soltaram.

- Pronto, está bem.

E ali ficaram sem dizer nada durante um ou dois minutos, até que o Manuel da Bica perguntou:

- Mas era só para isso que me chamáste?

- Não. Tenho mais coisas a dizer-te, mas aqui é perigoso. Amanhã se estivéres de acordo, encontramos-nos à saída do quartel.

Manuel da Bica não dormiu nesse noite."Que raio me quer ele? Será da polícia? teriam eles trama do toda esta história só para ver quem falava?

Mas não, não pôde ser. O 2246 arriscou-se, podi a ter morrido. Sabia nadar, mas aquilo eram arei as movediças, era terra capaz de engolir uma pes soa num abrir e fechar de olhos; podia engoli-lo a ele se não o socorréssemos. Não, o 2.246 não pode ser da polícia".

No dia seguinte o Manuel lá estava à saída do qu artel. Esperou uns momentos e já lhe parecia que tinha esperado uma hora. Finalmente lá veio o companheiro.

- Que raio me queres tu?

- Tem calma aqui o sítio ainda é perigoso. Vamos andando.

E já longe do quartel o 2.246 começou:

- O que é que tu fazias antes de vires para a tro pa?

- Eu era cavador. Trabalhava lá para um ricasso da minha terra.

- E ele pagava-te bem?

- Tás doido? Mal, e era quando me pagava alguma

coisa. Dava casa e alguns alqueires de trigo por ano.

- E achas que estavas bem?

- Eu não, mas tinha de aguentar.

E contou a vida, a história da mãe sozinha, do pai que tinha ido para o Brasil.

- E nunca pensáste sair de lá?

- Eu cá pensei, mas não conhecia nada; falavam-me de Lisboa, de uma fábrica. Mas custava-me deixar a minha mãe. E ainda para mais arranjei lá um namorisco e custava-me deixar isso tudo.

- Quer-se dizer, tu pensáste partir, e afinal obrigaram-te a partir antes de tu te teres decidido.

- Pensei sair, pois pensei; e quando começava a pensar nisso a sério, chamaram-me para a tropa. Lá se foi tudo por água abaixo!

- Porque é que se foi tudo por água abaixo?

- Pois não é agora que eles me vão deixar de cá sair.

- Nem tu precisas de pedir licença.

E por ali ficaram nesse dia. A conversa foi-se perdendo na vida de cada um, nos pensamentos, na fome.

MAIS UM FIM-DE-SEMANA NA TERRA

E foi mais uma tarde, um fim-de-semana na terra, com a mãe cada vez mais acabada, com a Elisa de quem tinha saudades durante os meses longos.

- Elisa - balbuciou um dia quando estavam os dois sentados na ponte a passar o resto da manhã de Domingo, - "se calhar vou-me embora".

- Embora para onde?

- Não sei, talvez para o estrangeiro.

A rapariga não sabia o que responder.

- Tu és tolo, homem, agora eles não te deixam ir.

- Mas eu não lhes peço licença; há muitos que vão sem licença...

- E se te apanham?... E eu?... E a tua mãe?... Oh homem, não penses mais nisso.

- Penso, penso. Não me importa morrer, e se conseguir passar, arranjarei trabalho, mando-te cha-

mar, casamos, e a minha mãe virá mais tarde, mandando-lhe dinheiro, tudo. Não te apoquentes, não nos acontecerá nada de mal.

A ESCOLA DA VIDA

De novo na cidade, o quartel, as ordens, a comida miserável, as marchas, os treinos. A primeira coisa que ele fez foi procurar o 2.246. Encontrou-o um dia à saída, numa tarde de folga.

- Queria conversar contigo sobre aquilo que me dissêste no outro dia.

Foram andando, afastavam-se do quartel, e falavam em voz baixa.

- Tenho vontade de me ir embora, mas ao mesmo tempo custa-me deixar a família.

- De qualquer maneira um dia terás de a deixar. Mandam-te para Angola ou para a Guiné, mandam-te defender o que não é teu.

- Tens razão, eu não tenho nada lá, mas dizem-nos que é um bocado da Pátria, e que temos o dever de o ir defender.

- Qual Pátria, qual carapuça, a Pátria é isto que temos debaixo dos pés, é a terra que tu amanháste durante toda a vida. São os frutos que o patrão comia e vendia é que tu tens de conquistar, porque ainda que a tudo isso tenhas direito eles não tu dão de boamente.

- Sozinho não posso fazer nada. Nunca se pode fazer nada quando se está sozinho; já quando estava lá na terra pensava nisto; enchiam-se-me os olhos de lágrimas quando olhava aquele trigo que eu tinha semeado e amanhado, ir todo para o celeiro do patrão.

Manuel começava a ter confiança em si e no companheiro que estava ao seu lado.

- Pensava nisto muitas vezes, mas via-me só, entendes-me, via-me só porque tive a coragem de o dizer aos outros cavadores.

- Mas no dia em que o 2.023 se estava a afogar tu foste ajudá-lo. Tu gritáste no dia em que não co-

meram enquanto não me soltaram.

- Pois é, estávamos todos.

- Estávamos todos e agora não estamos, não é?

- É.

- Pois fica sabendo que não estamos sozinhos. Há muitos companheiros que nos podem ajudar, que nos ajudam, que sabem mais do que nós e que nos ensinam o que não soubermos.

- Aonde, aonde é que eles estão? - perguntava o manuel meio curioso, meio emocionado com as palavras do amigo.

- Não te apoquentes, ainda é cedo para o saberes, mas eles sofrem por nós nas prisões, no estrangeiro, escondidos em buracos. É tempo do nosso sofrimento ter um sentido, o sentido daquilo que sonhámos e nunca fizemos. E muitos sonharam e sonham a mesma coisa. E muitos lutam enquanto nós falamos, e muitos morrem enquanto nós dormimos. E muitos são torturados por terem gritado "MORTE AOS PATRÕES" "A TERRA PARA OS QUE A TRABALHAM". São torturados enquanto nós continuamos a trabalhar e a dar lucro aos patrões. Aos patrões que são os donos das fábricas, dos campos, do exército, dos ministérios.

- Nunca tinha pensado nisso. Ficamos embrutecidos com o trabalho, não vimos as coisas como elas são.

- Pois bem, é preciso que agora que comesças a compreender, comesças a fazer qualquer coisa. Se vais para África vais correr um risco de morte, vais além disso fazer uma guerra injusta, vais passar fome, frio, calor, vais apanhar doenças e sobretudo vais combater contra trabalhadores que querem as suas terras para eles, que estão a expulsar os colonialistas para fora das suas terras. E por que hás-de ir combatê-los? Para ires defender a Pátria? Não. A Pátria, já te disse, é isto que pisamos, é a terra que amanhãste, sem dela colheres os frutos. A Pátria é o teu trabalho, os teus braços, o teu suor, o sangue de todos os trabalhadores. Em Africa, além de ser uma guerra injusta, é também uma guerra que só serve para defender os

interesses dos patrões. Vais ainda lutar contra a queles que fazem já aquilo que tu ainda não fizés-te: Lutam pela liberdade, pela Pátria, por tudo aquilo a que têm direito. Eles fartaram-se de ser escravos, revoltaram-se e começaram a lutar. E o lha que não tinham pistolas nem metralhadoras como tu, nem o treino militar aperfeiçoado que nós temos, nós que já o temos e ainda nos não revoltámos.

- Eu tenho metralhadoras?

- Sim, tens metralhadoras e espingardas no quartel.

- E queres dizer que...

- Sim, quero dizer que...que se nos formos embora que as levamos, que as escondemos, que vamos precisar delas um dia para conquistar aquilo a que temos direito.

- Isso era mais falado. Lá ir para o estrangeiro, está bem! Mas arriscar ainda por cima a roubar as armas...

- Não é um roubo o que tu fazes. Assim como para fazeres pão precisas de farinha, assim também para conquistáres aquilo a que tens direito precisas de armas. Essas armas não as roubas, porque elas é que te roubaram o dinheiro para as comprarem. E lembra-te de que eles não as utilizam para te defenderem, mas para te atacarem, ao defenderem e obrigarem a defender os interesses deles. Tu podes dar um sentido a essas armas, um sentido justo; podes usá-las para te defenderes a ti e aos outros trabalhadores.

-Eu tenho armas para me defender a mim e aos outros trabalhadores? Armas que são minhas para conquistar campos e fábricas que hão-de voltar a ser nossas?

- Sim, é isso mesmo, vamos desertar, mas levamos as armas; antes de irmos, escondêmo-las bem escondidas.

-Mas isso parece-me tudo um sonho. Levamos as armas, vamos embora, mas como? Como é que saímos?

- Estás ou não de acordo comigo?

- Sim estou, mas não vejo bem como é que se pode fazer tudo isso.

-A pouco e pouco irás compreendendo. Agora é preciso que não contes nada a ninguém. A ninguém, ouviste?

- Nem à minha cachopa? - perguntou Manuel ansioso.

- Não, nem à tua cachopa, não se pode falar disto a ninguém.

- Estamos entendidos. A partida, quando é que a gente parte?

- Depois se verá, mas não vamos ficar muito tempo. Este fim-de-semana podes ir à terra, e se quizeres vir comigo despêdes-te da família e dizes que escreves depois.

A DESPEDIDA

O 2.246 conseguiu arranjar 40 paus para o comboio e ele lá foi à terra. Era como se fosse um sonho, a petecia-lhe chorar, não sabia porquê. Não via nada, nem paisagem, nem os dez quilómetros que ainda te ve de andar da estação a casa. Não via nada, corria atrás de um sonho, tentava pegá-lo com as duas mãos, sabia que se lhe chegasse o transformaria em realidade. Pensava já menos numa casa, numa vida pa cata ao de uma mulher, pensava menos no dinheiro e mais nos seus camaradas trabalhadores; mais, muito mais no futuro distante, de libertação e da terra para todos. Pensava mais no povo, nas armas, na luta e ao mesmo tempo no amanhã, no futuro imediato.

"Se me prendem, matam-me" mas já nem essa morte lhe importava, ele sabia que outros pegariam o que deixasse cair, porque agora tinha confiança em si, acreditava portanto nos outros, tinha aprendido que era sobretudo necessário ter confiança em si e no povo; no povo da sua classe, nos trabalhadores fossem eles da fábrica ou do campo, tinha aprendido, sabia, tinha-se feito luz no seu espírito. Que importa morrer pelo povo se outro homem do povo pegar na minha arma e continuar a luta? Tinha aprendido tudo isso como o 2246 numa tarde de Maio, em que as papoilas do seu quintal ficavam mais vermelhas em frente da porta da casa. Entrou. A mãe

correu de braços abertos. Fazia-se tarde mais em si do que no tempo; foi ver a Elisa. Tinha pensado em tudo o que iria dizer-lhe, apenas o mínimo necessário para ela poder compreender.

- Agora é que me vou embora. Não te levo comigo; tu irás mais tarde. Ou ficarás por aqui porque é na tua terra que tu és importante; é la que tu és precisa. Um dia eu virei também.

Explicou-lhe as coisas de um modo simples, como lhe tinha explicado a ele. Falou na guerra que achava justa, "A GUERRA DO POVO" e na guerra injusta, a guerra dos patrões contra o povo. O 2246 tinha-lhe explicado também a ele: sim, o nosso país não precisa das colónias, não precisa de Angola, da Guiné nem de Moçambique. Essas terras pertencem ao povo que lá nasceu e que agora luta pelos seus direitos. O nosso país chega para todos, como esta terra de trigo chegava para dar de comer a toda a gente da aldeia, se não fosse só o patrão a comer dela.

- Sim, Elisa, foi um camarada meu que me explicou; as fábricas serão dos operários que nelas trabalham, os campos dos trabalhadores, tudo de todos como teu é o meu pão. Ganharão todos o mesmo, não haverá patrões. Há países onde o povo já fez assim, e nesses países o povo vive melhor do que nós. Vão à escola, ao médico, tudo de graça! E aqui somos nós que o fazemos, somos nós que UNIDOS E ORGANIZADOS havemos de conquistar os nossos direitos.

E pela primeira vez se abraçaram e beijaram com amor, com raiva, com revolta, sobretudo com esperança.

- Adeus mãe, vou-me embora; a Elisa tratará de si tão bem como eu, e ainda havemos um dia de poder viver a nossa vida; depois escrevo.

E saiu sem esperar resposta, mas adivinhou nas lágrimas da mãe que se habituou a ver. O caminho até à cidade pareceu-lhe longo, encurtado apenas pelo que ouviu dizer ainda da boca da Elisa: "Manuel, tu conheces-me desde pequena e sabes bem quem eu sou. Acredito no que me disséste e estou pronta a fazer tudo, a lutar ao teu lado pelos trabalhadores, estou

pronta a fazer tudo, mesmo a morrer, porque já não é só por ti que eu morro, é por tudo o que nós defendemos. Já falei às outras ceifeiras em fazermos greve; ainda não se fez, mas tu sabes que eu não desisto. Se vires que eu posso fazer alguma coisa pela tua viagem dis-me. Um dia a gente há-de encontrar-se. E Manuel não sabia ainda que era assim, mas começava a ver que a gente do povo se encontrava sempre porque jamais se separara. Os seus interesses são os mesmos, ninguém tem nada a perder e todos têm tudo a ganhar, mesmo quando a morte vigia e não é possível escapar-lhe, acontece apenas uma morte; é uma, cem mil mortes não é nada quando se trata da vida de todos os trabalhadores, quando se trata de dar a vida por eles.

O PLANO

O 2246 estendeu-lhe dois sacos de viagem iguais: -Toma estes dois sacos. Num metes a tua roupa como de costume, no outro metes tudo o que tu puderes desviar, armas e munições. Antes de saíres pões o saco com as armas perto da porta do quartel sem que vejam, alguém se encarregara de olhar por ele; depois voltas à camarata e pegas no outro saco igual com a roupa; saís com ele; o oficial de dia vai revista-lo, mas só verá a roupa. Vais então até ao fundo do jardim, deixas o saco com a tua roupa e pegas no outro que eu te dou ainda igual e que contem coisas sem importância. Entras com ele no quartel e dizes ao oficial de dia que vais dar um recado a um camarada ou comprar qualquer coisa à cantina. Pegas então no saco com as armas deixando o saco com coisas sem importancia - alguém se encarregará dele - o oficial de dia não te revista-rá de novo o saco que agora leva as armas porque pensa tê-lo já revistado. Vais até ao fundo do jardim e saís pela porta da esquerda; eu espero-te lá; logo me vês. Tudo isto não poderá demorar mais de 5 minutos, portanto às 5 H 30 da tarde deves estar a sair com o primeiro saco, o saco da tua roupa. Percebeste tudo?

- Do princípio ao fim; dá-me então o saco, vou meter um dentro do outro para não dar nas vistas.

A FUGA

-Então tudo correu bem? - perguntou o 2246 ao ver o companheiro.

- Melhor do que eu julgava...-respondeu o outro, já dentro do carro que os esperava.

- Eu também trouxe a minha parte; 2 pistolas e 1 automática, além de 1 caixa de munições.

Manuel já não perguntou quem era o condutor do carro, nem para onde iam; deduziu que era alguém da organização e que os levavam a ponto seguro. "Sim, pensava ele, embora o 2.246 não me tenha dito nada sobre o caso, deve pertencer a alguma organização clandestina que luta pelo povo."

-Olha que isto está bem organizado - atirou o Manuel da Bica, como que a perguntar pelos outros que ele nunca tinha visto, mas de quem adivinhava a participação naquela fuga. - "Se não estivermos organizados, a polícia depressa nos descobre. Agora outros companheiros irão espalhar panfletos e escrever nas paredes lá do quartel, que nós desertámos com armas. O saco que tu leváste e que nesse momento eu te disse que levava coisas sem importância, levava os panfletos e material para escrever nas paredes.

Manuel achou que era melhor não fazer mais perguntas sobre o caso; tinha confiança no companheiro e sabia que ele ir-lhe-ia explicando as coisas à medida que isso fosse necessário. Ele compreendia que era melhor saber só o mínimo necessário sobre a organização clandestina, porque assim, mesmo que fosse apanhado pela polícia, nada diria, ou pelo menos nada de importante que pusésse em perigo os outros companheiros. O que guiava deixou-os numa casa deserta e disse apenas:

- Agora felicidades, tenham calma e confiança, dentro de alguns minutos outro carro chegará para vos levar. - E partiu levando os sacos com as armas. Minutos depois chegava uma furgonete fechada.

- Entrem depressa - disse-lhes uma voz do interior. -Passem os dois para trãs; troquem a vossa roupa por aquela que está sobre o banco, se quiserem comer, comam, e se quiserem dormir estendam-se sobre o banco e dormam. A viagem vai ser longa.

Assim fizéram; estavam diferentes dentro das frototas novas.

- Vocês pensaram em tudo, gaita! - exclamou o Manuel da Bica, - e o fato cai-me mesmo bem, parece que foi feito para mim por medida.

- Tem de ser assim; a experiência é que nos ensinou. Agora façam um embrulho com as vossas roupas e quando passarmos na ponte ali mais adiante dei-tem tudo pela janela fora.

Minutos depois o carro afrouxou, estavam em cima da ponte; mais adiante um camião avançava no sentido inverso.

- Ainda não, deixem passar este, - disse o que guiava.

- Atirem agora...Ótimo. Podemos seguir viagem,.. E acelerou.

- Agora temos de arranjar um nome falso para cada um de nos, -continuou o que guiava, -eu posso ser Pedro. O 2.246 talvez...Rui.

- E eu...eu posso continuar Manuel, há tantos... Todos concordaram.Tinha anoitecido;entretanto o Manuel estava fatigado, embora não tivesse sono.

- Acho que é melhor a gente descansar um bocado, sugeriu o Rui.

- Eu também acho, - respondeu o Pedro - ainda têm muito que andar.

Encostaram então o banco para trãs e continuaram a viagem de olhos fechados.Pouco depois adormeceram.Só Pedro continuava bem desperto,atento à estrada e a qualquer perigo que porventura surgisse. Ia pensando na vida.Havia dois anos que era militanta na organização.Foram mesmo ele um dos que a tinham fundado, trabalhava ainda na fabrica dos vidros.Estava com 35 anos,mas parecia mais velho.Os

anos que tinha passado quando da greve tinham-no envelhecido. Lembrou-se vagamente das torturas que tinha sofrido, dos dias sem dormir, com holofotes nos olhos, da porrada que levou. Sentiu-se ferver dos pés à cabeça, acontecia-lhe sempre o mesmo quando se lembrava desse tempo. Era uma revolta que lhe dava coragem, que o atirava para o perigo sem receio. Sabia porque lutava e sabia que a vitória dependia em grande parte da coragem, do sangue frio, do amor dos companheiros e da confiança do povo trabalhador. Acelerou a fundo, a estrada permitia e olhou apenas em frente pensando ao de leve no destino. A Opel rolava a 140 e em breve chegaria.

- Camaradas - chamou, uma hora mais tarde. - Estamos a chegar à fronteira; é preciso que atravessem acor dados, não haja para lá algum carabineiro a espiar.

- Nem demos por que o tempo passasse - disse Rui, esfregando os olhos e endireitando o casaco.

- Pudera, passaram duas horas a dormir...

Ao longe avistava-se já a povoação fronteiriça. Tomaram um atalho à direita que os desviava do posto e dos olhos dos carabineiros. Pouco depois Pedro informou:

- Como vêm passámos sem novidade. Estamos em Espanha. E estendeu-lhes um envelope.

- Aqui têm os passaportes. Vou pô-los à estação e depois vocês desenrascam-se. O Rui sabe a direcção de outros companheiros a quem podem dirigir-se no estrangeiro. Dentro do envelope está também dinheiro para a viagem e para comerem.

E despediram-se.

A CHEGADA

No comboio havia muitos que deixavam também a Pátria e iam procurar além fronteiras o pão que lhes negavam os capitalistas do seu país.

Falavam de terras, galinhas, das férias de quem pela primeira vez as conheceu, e do trabalho.

Finalmente chegaram. Sentiam fome e estavam cansados. Compraram pão e um mapa da cidade, e Rui procurou a rua onde morava outro companheiro. Sabia que

era perto da gare; "e que fosse longe..."pensou, "haviámos de chegar". Iam comendo o pão pelo caminho. Perderam-se naquele emaranhado de ruas, mas depressa se orientaram pelo mapa. Lá estava a rua, faltava o número, mas isso era fácil. Cedo se encontraram diante da porta e na caixa do correio puderam ver o nome do companheiro: "Jacinto Gonçalves". Subiram e entraram, que ali não havia portas fechadas para os filhos do povo que lutam por ele. Um rosto sorridente recebeu-os e disse-lhes que o Jacinto estava a chegar; que podiam entretanto dormir, que deviam estar cansados. Comeram então qualquer coisa e deitaram-se. Manuel adormeceu, e quando acordou, meio estremunhado ainda, perguntou onde estava. Um cartaz na parede lhe respondeu:

NÓS DESERTAMOS COM ARMAS

e outro mais abaixo

A LUTA DO POVO É INVENCIVEL

FIM

Este livro foi escrito por um jovem português e por quem não revelamos o seu nome.

Ao editarmos "UMA SEARA DE TRIGO QUE SEJA PARA TODOS" iniciamos a coleção: DO POVO. Com esta coleção pretendemos dar a possibilidade a todos os trabalhadores de poderem fazer chegar a outros camaradas, cartas, peças de teatro, poemas, histórias ou outras coisas sobre problemas da vida do dia a dia.

Assim, pedimos a todos que nos enviam tudo o que tiverem, desde que seja expressão justa e honesta do povo para o povo, nós edita-los-emos.

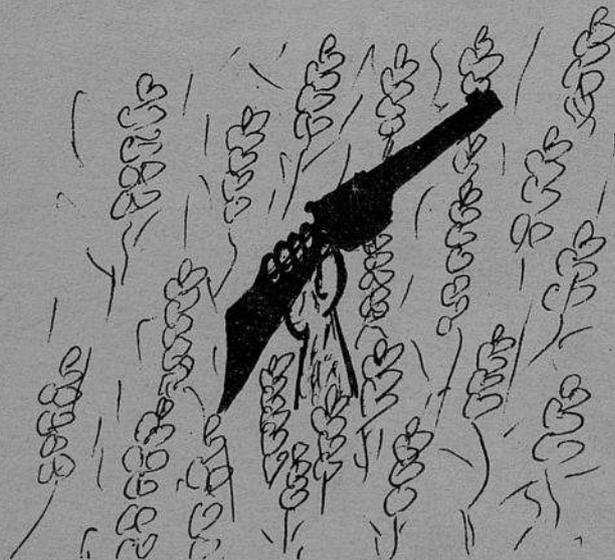
Lê este livro, dá-o a ler a todos os teus camaradas.

Se tiveres coisas a enviar-nos, críticas ou encomendas a fazer, escreve-nos para:

"O ALARME"

3(, av. Paul Eluard

38130 - Echirolles



"UMA SEARA DE TRIGO QUE SEJA PARA TODOS" - Coleção: DO POVO n° 1
Supl. ao "O ALARME" n° 10

